

OBSERVATÓRIO DE EDUCAÇÃO LGBT



2008

Relatório sobre Homofobia e Transfobia

Relatório bianual do OBSERVATÓRIO DE EDUCAÇÃO da rede ex aequo – associação de jovens lésbicas, gays, bissexuais, transgéneros e simpatizantes sobre discriminação em função da orientação sexual e/ou da identidade de género no espaço escolar em Portugal.

Observatório de Educação – Relatório de 2008
rede ex aequo – associação de jovens lésbicas, gays, bissexuais,
transgéneros e simpatizantes
Lisboa, Novembro de 2008



Rua S. Lázaro 88
1150-333 Lisboa
Telefone: 96 878 18 41
E-mail: geral@rea.pt
Website: www.rea.pt

ÍNDICE

Introdução	3
Caracterização dos participantes	4
Experiências de discriminação	6
Sistema educativo	13
Conclusão	16
Glossário	17
Anexo	18

Observatório de Educação LGBT

RELATÓRIO 2008

Agradecimento

Queremos agradecer a todos os que colaboraram neste projecto e que através dos seus testemunhos tornam possível o Observatório de Educação. A eles o nosso apreço, respeito, compreensão e companheirismo na luta contra a vil doença social que dá pelo nome de homo/transfobia.

INTRODUÇÃO

Consciente de que ainda ocorrem muitas situações de homofobia e transfobia nas escolas em Portugal e que, por esse motivo, a escola ainda não é um espaço seguro para muitos jovens homossexuais, bissexuais e/ou transgéneros, ou percebidos como tal, a rede ex aequo decidiu lançar o seu Observatório de Educação.

Através de um formulário online disponível em <http://www.rea.pt/observatorio.html>, especialmente desenhado para o efeito, a rede ex aequo deseja dar voz e reportar todas as situações de discriminação, de qualquer cariz, respeitantes aos temas da orientação sexual e da identidade de género que tenham ocorrido em estabelecimentos escolares em Portugal, incluindo também as ocorrências de veiculação de informação incorrecta, preconceituosa e atentatória dos direitos humanos e da dignidade das pessoas lésbicas, gays, bissexuais e transgéneras, no espaço escolar.

O presente relatório apresenta os resultados de 92 formulários a reportar casos de homofobia e transfobia, recebidos pelo Observatório entre Outubro de 2006 e Outubro de 2008, de jovens a partir dos 15 anos a adultos na casa dos 30/40 anos, na sua maioria alunos, mas também professores e funcionários. Contudo, não podemos considerar estas queixas uma amostra representativa. Estamos conscientes que a maioria das situações de discriminação se encontram para além do nosso conhecimento enquanto associação e que muitas das vítimas ou testemunhas não têm acesso e/ou conhecimento deste Observatório e vivem sentimentos de exclusão, isolamento, baixa auto-estima, segregação social, insucesso escolar, entre outros, no mais profundo silêncio. Apresentamos estes resultados para caracterizar as ocorrências que nos foram transmitidas, também quantitativamente, mas acima de tudo qualitativamente.

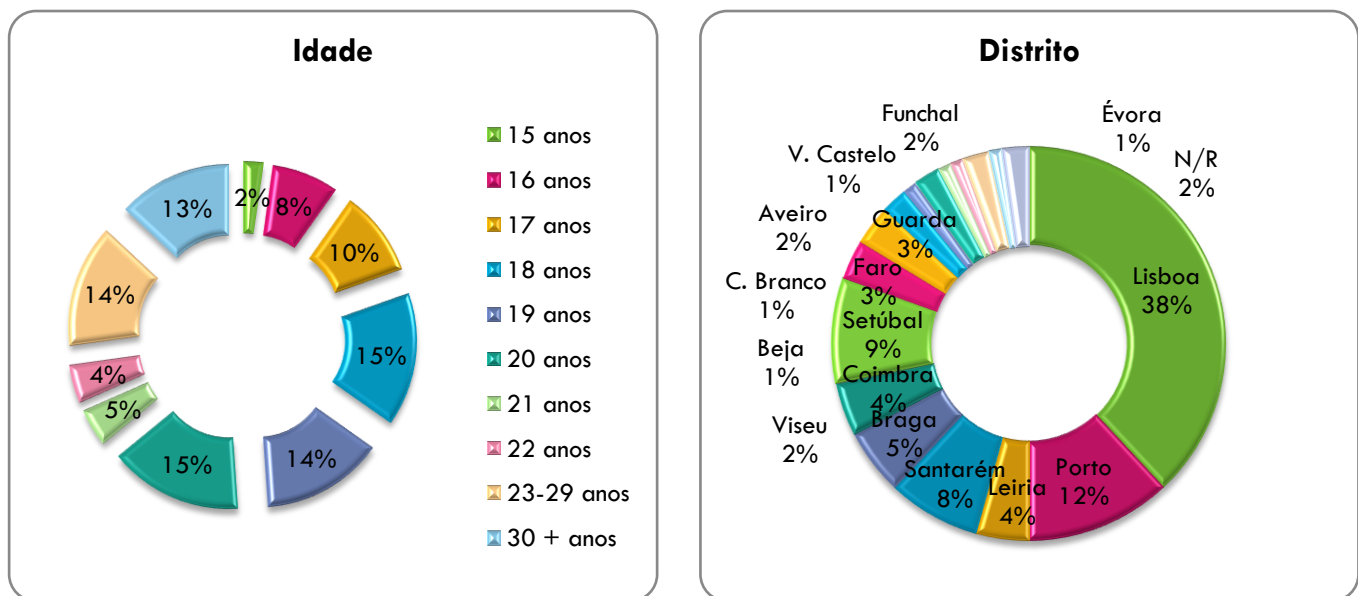
Este relatório permite-nos constatar alguns episódios ocorridos em ambiente escolar no nosso país. Vale por isso mesmo e deve ser tido em conta como uma ferramenta útil para que se tomem medidas e que, pouco a pouco, os nossos jovens possam viver com valores de igualdade, cidadania e respeito pela diversidade e pelo outro.

Não só os jovens homossexuais, bissexuais e transgéneros vivem uma realidade de homofobia e transfobia nas suas vidas. Muitos outros sofrem na pele experiências homofóbicas e/ou transfóbicas, resultado de falsos estereótipos e preconceitos infundados, mas fomentados na sociedade em geral.

Cada questionário preenchido foi tido como uma queixa informal, já que o Observatório não se encontra, até à data, vinculado a nenhuma autoridade competente e, como tal, resume-se ao registo passivo de situações de discriminação, muitas vezes extremas e marcantes na vida de um jovem.

A participação no preenchimento de cada questionário foi realizada única e exclusivamente por vontade própria de cada jovem. A rede ex aequo apenas permite um registo detalhado e confidencial de cada ocorrência.

CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES

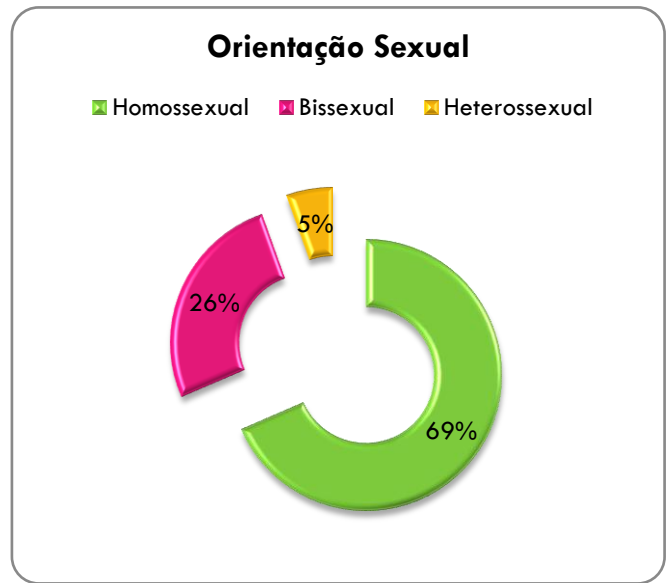
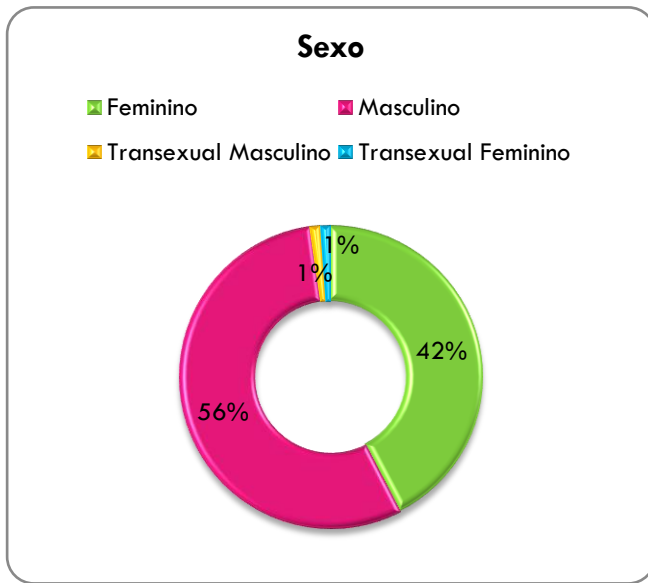


Nos gráficos em cima podemos observar, em valores percentuais, a idade e o distrito dos 92 participantes que ao longo dos últimos dois anos usaram o formulário online do Observatório para denunciar situações de homofobia e transfobia em ambiente escolar, vividas na primeira pessoa ou presenciadas como terceiros.

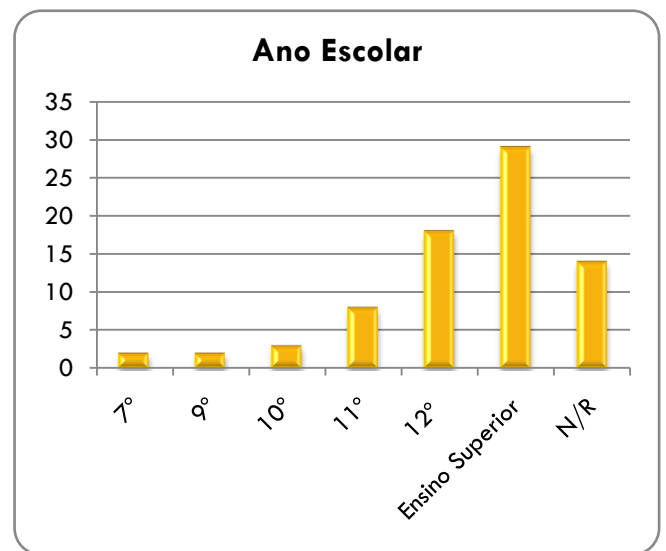
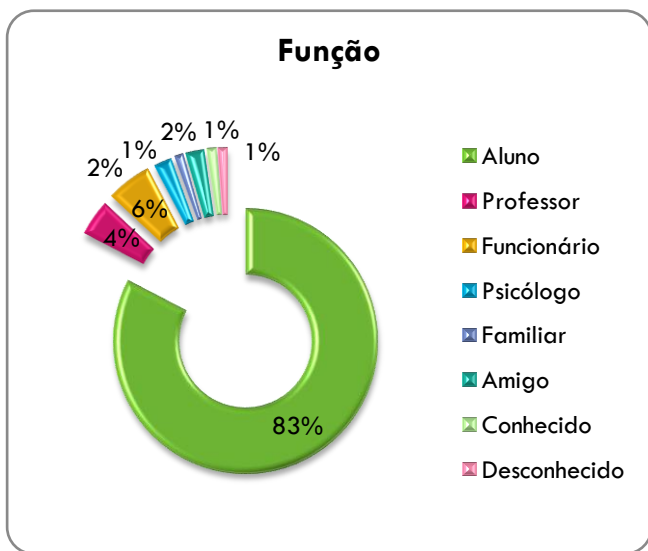
Verificamos que as faixas etárias com maior concentração se encontram entre o final da adolescência e o início da idade adulta. Porém, por se tratar de um estudo simbólico que apenas retrata uma pequena parte da realidade, não iremos deduzir conclusões sobre este ponto.

No segundo gráfico observamos que, no âmbito das queixas recebidas, a esmagadora maioria concentra-se nos grandes centros urbanos, como Lisboa e Porto, que perfazem 50% das queixas recebidas. Lisboa, por sua vez, apresenta um valor três vezes superior ao Porto. Estes dados poderiam ser sinónimo da existência de um maior contexto de discriminação nestes locais, porém, isso nem sempre é real tal como o seu inverso também não. A rede ex aequo, através dos seus grupos locais espalhados por várias cidades, tem vindo a tomar conhecimento de situações discriminatórias com base na orientação sexual e identidade de género e sabe que estas acontecem em vários pontos do país. Situações de homofobia e transfobia ocorrem de maneira transversal dependendo do contexto escolar, familiar e social de cada um. O gráfico refere o distrito a que os participantes do presente

relatório pertencem. Não deve ser considerado como indicador geográfico de contextos de maior ou menor discriminação.



Os participantes dividem-se em 39 pessoas do sexo feminino, 51 do sexo masculino e 2 transexuais, um feminino e outro masculino. Analisando o segundo gráfico encontramos, novamente em valores percentuais, a orientação sexual dos participantes. A esmagadora maioria homossexual e bissexual deve-se à especificidade da discriminação em questão. Contudo, destacamos que também é possível encontrar denúncias realizadas por uma pequena percentagem de participantes heterossexuais.



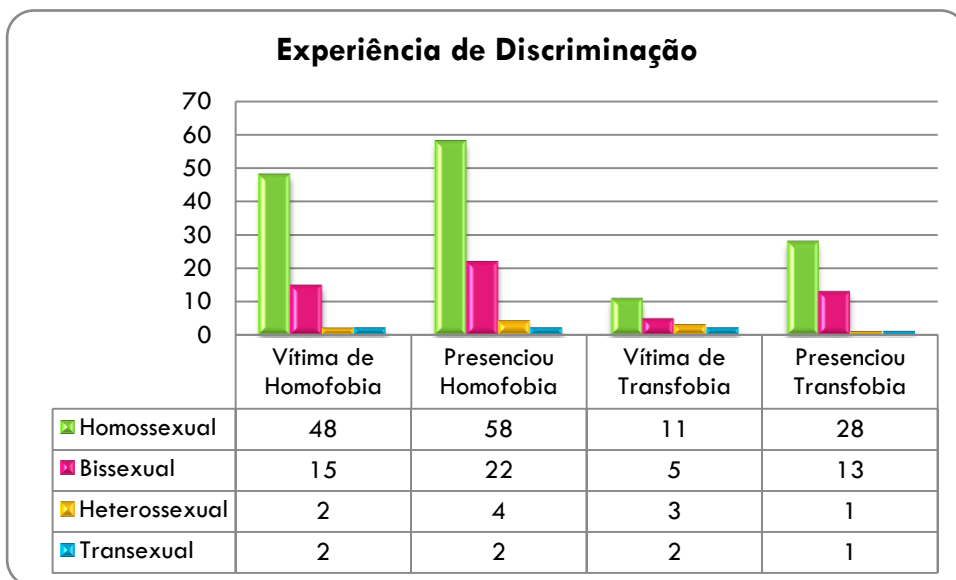
O gráfico da esquerda indica que 76 dos 92 participantes são alunos. Todavia, a homofobia e a transfobia

manifestam-se em todas as áreas, inclusive num sentido bidireccional. Ou seja, se muitos alunos sofrem discriminação vinda dos seus colegas heterossexuais, outros sofrem-na também de homo ou bissexuais que adoptam posturas homofóbicas para que nenhum dos seus colegas desconfie. Este tipo de comportamento é mais comum do que se possa pensar e tem sido referido no testemunho de muitos homo ou bissexuais que mais tarde se assumem como tal.

É importante não esquecer que a bidireccionalidade também existe entre alunos e professores ou auxiliares de educação. Se muitos destes perpetuam falsos estereótipos e preconceitos, alguns outros também sofrem na pele a discriminação com base na orientação sexual e identidade de género por colegas de profissão ou por alunos.

Dos 76 alunos que enviaram formulários para o Observatório podemos verificar que 33 deles são do 3º Ciclo do Ensino Básico ou do Ensino Secundário, 29 são do Ensino Superior, enquanto 13 não respondem.

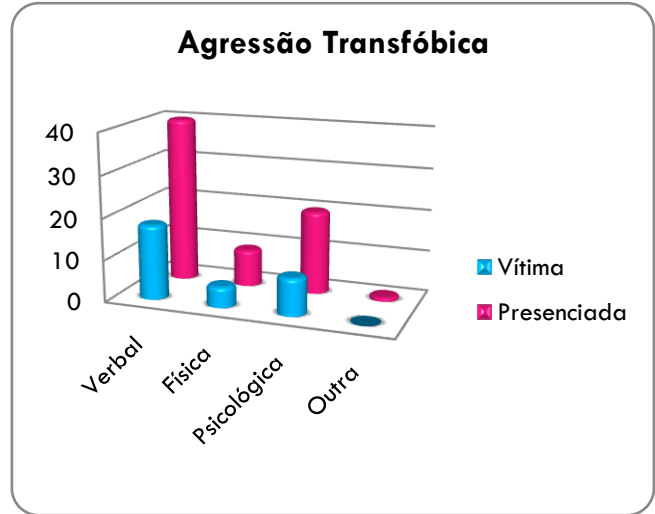
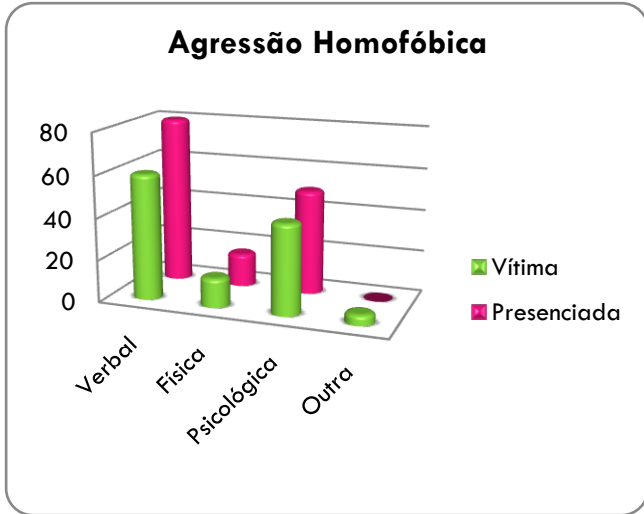
EXPERIÊNCIAS DE DISCRIMINAÇÃO



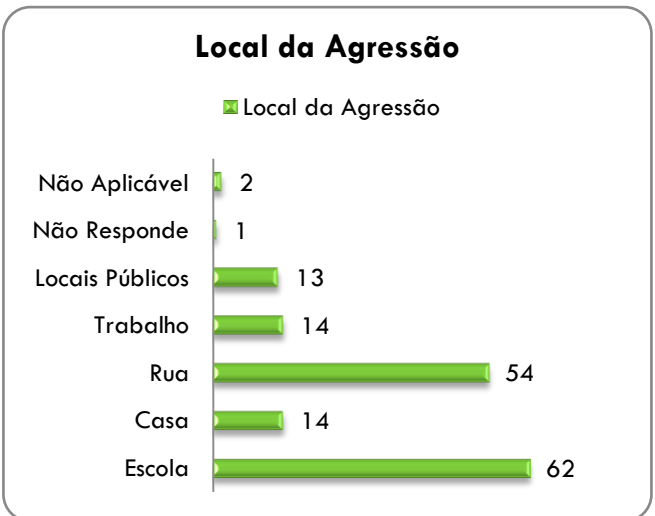
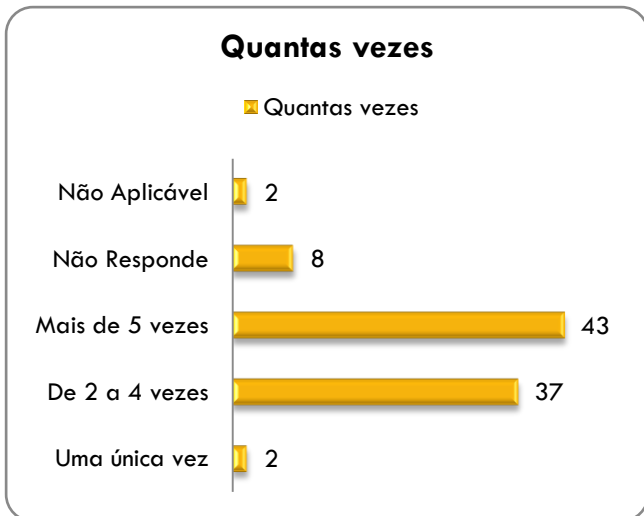
O gráfico acima mostra claramente que a maioria dos participantes do Observatório viveu na primeira pessoa ou presenciou diante de terceiros episódios de homofobia. Porém, a transfobia também se encontra presente. É possível que não tenha um valor mais elevado, porque é confundida, algumas vezes, com a homofobia. Assim, embora não possamos considerar estes valores como absolutos, porque apenas traduzem experiências de um pequeno grupo de pessoas, é possível alargar a sua experiência e dia-a-dia até nós mesmos.

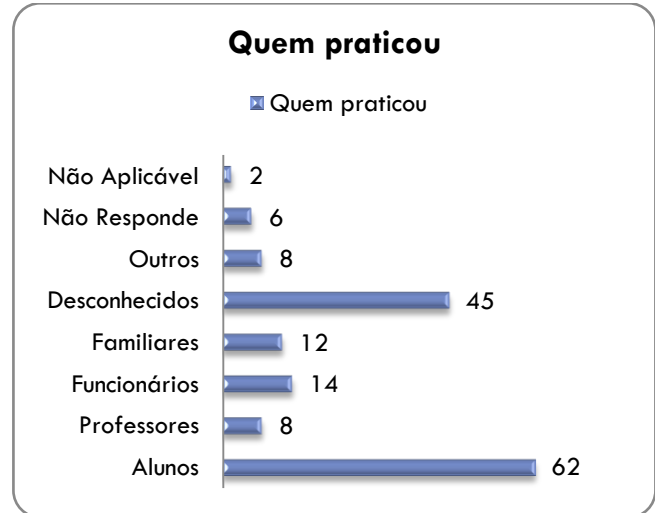
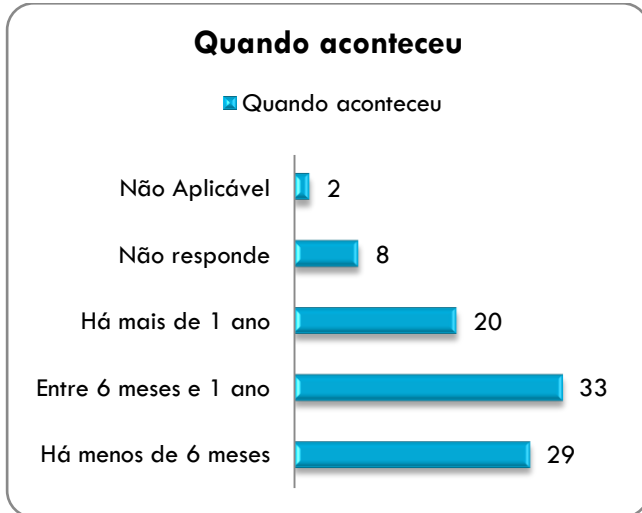
Ao longo das nossas vidas, muitos de nós presenciámos contextos de homo/transfobia. Essa situação pode ir desde as simples piadas quotidianas até ao insulto directo. Em alguns casos extremos o insulto chega mesmo a colocar em questão a nossa integridade física.

Esta exclusão e segregação social, inconsciente ou consciente, leva a que muitos cresçam em ambiente hostil e que também eles, de alguma forma, se condenem com pensamentos e/ou comportamentos de homo/transfobia internalizada.



Nestes dois gráficos verificamos quais os tipos de agressão (verbal, física, psicológica, etc.) que podem assumir os comportamentos homo/transfóbicos. É preocupante constatar como, na maioria dos casos denunciados, a agressão está presente a vários níveis. O efeito da agressão pode coibir o desenvolvimento são das nossas competências inter/intrapessoais, bem como pôr em risco a nossa integridade física. Casos de homo/transfobia continuam a marcar o dia-a-dia de muitos que, directa ou indirectamente, sofrem na pele a discriminação. Não podemos também esquecer todos aqueles que nunca chegam até nós pelo enorme receio de que as suas vidas mudem radicalmente só por terem uma orientação sexual ou uma identidade de género variante da norma. Algumas das outras agressões especificadas pelos participantes são gozo, humilhação, exclusão, rejeição e discriminação.





Nestes gráficos constatamos também que as agressões por norma não são algo pontual, se não algo recorrente, ou pelo menos com alguma repetição, no quotidiano de muitos. A maioria das agressões são relatadas com uma ocorrência superior a cinco vezes, seguida das agressões entre duas a quatro vezes. Estas situações ocorrem maioritariamente em ambiente escolar, ou seja, na própria escola, mas também na rua. Encontramos adicionalmente valores com relevância nas agressões ocorridas em casa e no trabalho.

É lamentável que o ambiente escolar não reúna condições para ser um espaço físico e psíquico onde cada "residente" (aluno, professor e auxiliar de educação) tenha o seu bem-estar assegurado. Alguns participantes referem também outros locais públicos onde foram alvo de discriminação e agressão: cafés, restaurantes e cinemas.

A maioria das agressões foi realizada no último ano e/ou nos últimos seis meses, embora tal não indique que anteriormente ocorresse menos agressões. Na realidade, pode ser justamente o seu contrário. Desde a criação do Observatório de Educação muitas situações foram denunciadas. Sem a existência deste projecto as 92 denúncias que apresentamos nunca teriam sido feitas e/ou partilhadas. Este relatório, ainda que informal, remete-nos para a importância da criação de meios seguros para formalizar as situações de agressão. Situações de discriminação/agressão acontecem nas nossas escolas e é urgente que se tomem medidas de apoio para a especificidade deste problema. Se até à data não existiam dados concretos é justamente pela ausência de meios para o fazer. As denúncias, por exemplo, devem ser confidenciais. Pretende-se parar com a homo/transfobia nas nossas escolas e não fazer um levantamento público sobre a orientação sexual e/ou identidade de género dos alunos, professores e/ou auxiliares de educação.

Dos 92 participantes, 62 denunciam que a agressão veio da parte de alunos e 45 da parte de desconhecidos. Estes são os valores mais elevados que podemos observar no gráfico "Quem praticou". A enorme discriminação entre alunos tem origem, uma vez mais, na especificidade dos temas orientação sexual e identidade de género e no quase total desconhecimento sobre os mesmos. Esta falta de informação correcta e científica sobre uma questão que também é uma questão de direitos humanos, deve-se à ausência no nosso sistema de ensino de reforço positivo sobre estes temas. Para além disto, o número de familiares, de professores e de funcionários que

também foram perpetradores de agressão é exemplificativo de como ainda há agentes educativos que não sabem lidar com este tema de forma informada, correcta e promotora do respeito.

Presenciei um confronto entre uma funcionária auxiliar de educação e duas amigas minhas, ambas lésbicas. A referida auxiliar chamou-lhes nomes, embaraçou-as em público perante outros alunos e tomou comportamentos altamente discriminatórios, rompendo pela sala de aulas dessas duas alunas e provocando-as ou agredindo-as, com comentários desrespeituosos. Nunca houve uma resposta da escola no sentido de protecção dessas alunas, nem uma declaração da escola sobre esta e outras formas de discriminação, nem uma conversa com a auxiliar e o sequente pedido de desculpas da mesma a essas alunas. Lamentável e revoltante. (18M G Lisboa)

Acontece muito frequentemente o uso de linguagem depreciativa quando julgam que alguém é gay, lésbica ou bissexual. (23F B N/R)

Esteve em discussão, durante uma reunião, uma nota de um aluno, atendendo à sua orientação sexual. Tudo porque o colega assim que soube que o aluno era gay, quis baixar-lhe a classificação, além de se pôr a contar histórias que rebaixavam a dignidade do aluno em causa. Um outro colega, que nem sequer era professor do aluno em causa, por várias vezes criticou acerrimamente proferindo palavras ofensivas, a orientação homossexual. Noutras duas reuniões subsequentes à primeira, o assunto vinha sempre à tona, sempre que era referido o dito aluno. E as críticas continuaram sempre... (30F L Lisboa)

Tive uma professora de Filosofia que a propósito daquele transexual que teve um filho achou por bem numa aula discriminar tanto os transexuais como os homossexuais dizendo: "Vocês não sabem onde começa e acaba o género masculino e feminino. A homossexualidade é uma questão de educação..." entre outras coisas... (17M G Lisboa)

O que se passou foram ameaças verbais de agressões físicas. Também ocorreram insultos. (18F L Porto)

No meu caso, as agressões não foram pelos meus colegas saberem a minha orientação sexual, mas por repararem no meu desinteresse pelo sexo feminino. (15M G setúbal)

Existem aqueles colegas mais agressivos que insinuem com declarações a nossa orientação, e tomam uma posição de força ao tentarem expor-nos. Isto contribui para o mal estar de quem é notoriamente diferente, ainda que ser-se diferente não seja obrigatoriamente sinónimo de não-heterossexualidade. O que não é o meu caso. (19M H Braga)

Tive colegas que apesar de eu nunca o ter dito, sabiam que eu era homossexual e gozavam com isso. Em certas ocasiões outros colegas, mais educados que os primeiros, saíam em minha defesa e tentavam silenciar os outros, mas sempre com uma atitude de comprometimento, como se não quisessem ser vistos a tomar a parte do homossexual. E no meio disto tudo tornou-se difícil discernir qual das atitudes me magoou mais. (19M G Braga)

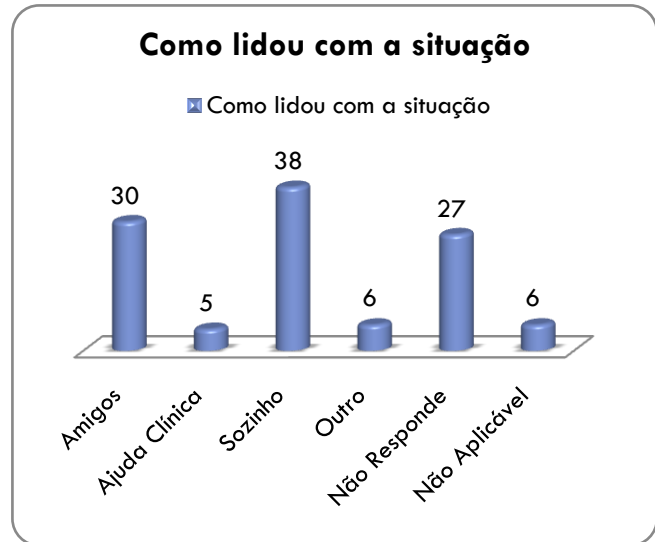
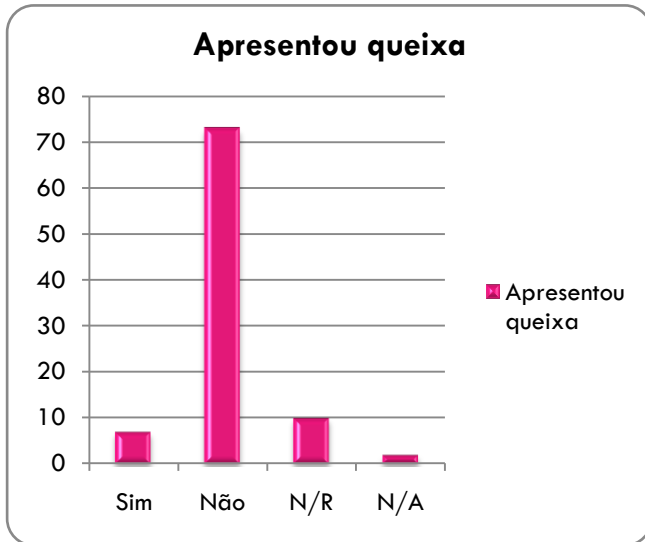
Como vivia numa zona com baixo poder económico as pessoas tendiam a ser muito agressivas e conservadoras para com qualquer acto do que chamavam "desvio". Agressões físico-psicológicas a gays eram constantes na época escolar. Tinha também professores de idade avançada que eram muito conservadoras e recusavam se até a falar do assunto. (20M G porto)

Reconheço que a maioria das discriminações são muitas vezes vindas por parte de outros "homossexuais". Pelo menos no meu caso acontece isso. Noto que existe uma desculpabilização por parte "do outro" que é gay, e assim se torna mais fácil esconder a sua orientação sexual, ao fazer olhar para o outro. (18M G Guarda)

A situação a que me refiro teve lugar perto de uma escola, onde alguns alunos gozavam com outro por este ter gestos e atitudes efeminados. (31F L Lisboa)

Conheci um caso de duas raparigas que foram apedrejadas por pensaram que eram um casal de lésbicas, quando ainda não o eram. Tinham apenas 16 anos e essa agressão veio da parte dum colega que se intitulava amigo das agredidas. (23F B N/R)

Na altura descobriu-se que eu era supostamente gay e então, sofri durante 2 anos lectivos consecutivos, "tortura" psicológica. Gozaram comigo, fizeram pouco de mim, falaram mal e fizeram-me sentir abaixo do pior animal que pode existir. (15TF HT Aveiro)



Um aspecto que consideramos preocupante, e que pode ser confirmado no gráfico “Apresentou queixa”, é que poucas vítimas apresentam qualquer tipo de denúncia das incidências ocorridas. Contudo, comparando com o relatório anterior do Observatório de Educação, publicado em 2006, regista-se uma mudança significativa. No anterior relatório nenhuma queixa foi apresentada.

Algumas das razões apresentadas para não o fazer foram considerar que as autoridades iriam tratar o caso de forma leviana, sem lhe dar a importância que tem, receio que as autoridades não tratem a queixa com sigilo ou elas próprias também discriminem, sentirem falta de apoio ou apoio insuficiente, medo, inclusive, medo de retaliações ou de piorar a situação, vergonha, não quererem que as pessoas saibam da sua orientação sexual, especialmente os pais, e terem falta de coragem. Este factor implica que é necessário os responsáveis educativos estarem mais atentos e, nomeadamente, intervirem inequivocamente quando presenciarem este tipo de situações. As vítimas também têm de sentir que ao apresentar queixa serão ouvidas, que o podem fazer em segurança e que a sua esperança de serem tratados de forma correcta e de que tudo será feito para que a sua realidade mude não sairá gorada.

[Não apresentei queixa] porque não queria que ninguém soubesse que eu era gay, muito menos os meus pais (21M G Faro)

Todos os dias era alvo de acusações verbais violentas, chamadas anónimas! (17M G Lisboa)

[Não apresentei queixa porque] provavelmente seria ainda mais discriminado pelas autoridades (32M G Lisboa)

Penso que, infelizmente, as autoridades não têm formação para lidar com este tipo de situação. Eles próprios podem ter reacções homofóbicas ou sexistas. (31F B Lisboa)

[Não apresentei queixa porque] não queria que ninguém soubesse a minha orientação sexual. Não tive coragem. (15M G Setúbal)

Não existem apoios suficientes para isso e só iria piorar a situação. (20F B Lisboa)

Teria que me expor perante terceiros para pedir ajuda, o que é quase impossível na nossa sociedade. (20M G Porto)

Constatamos adicionalmente que nos 7 formulários que indicam ter sido apresentada queixa de forma pública só 2 referem ter obtido um resultado positivo. Este tipo de situação confirma e reforça os receios apresentados por todos os participantes que decidiram não apresentar queixa alegando receio de não obter qualquer resultado.

Na escola, ao chefe dos auxiliares de educação e depois ao Director da Escola. [...] Os resultados foram escassos e as reacções indiferentes. (18M G Lisboa)

[Na própria aula] argumentei com a professora tentando que ela entendesse o meu ponto de vista, ao que a professora sem saber o que fazer, porque tinha encontrado oposição, deu por terminada a aula... (17M G Lisboa)

Sim. Foram apresentadas várias queixas, mas o Conselho Executivo não reagiu. (16F L Porto)

Sim, Polícia. Deram protecção. (43M G Castelo Branco)

Nenhum [resultado], apenas algumas pessoas a dizerem que o agressor se estava a comportar de forma estúpida. (23F B N/R)

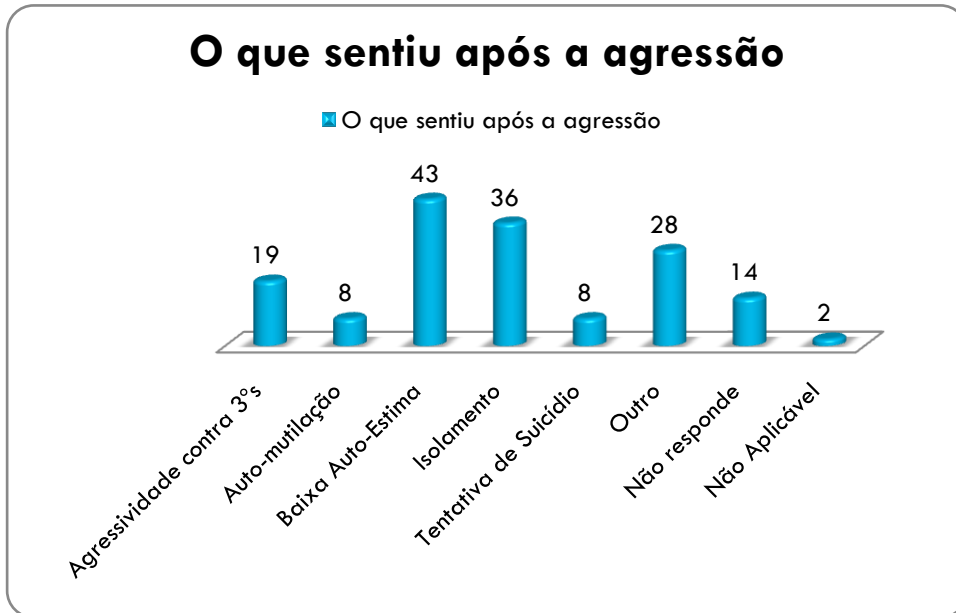
[Recebi um] pedido de desculpa formal. (19F B Lisboa)

Penso que, infelizmente, as autoridades não têm formação para lidar com este tipo de situação. Eles próprios podem ter reacções homofóbicas ou sexistas. (31F B Lisboa)

A forma como cada vítima lida com a situação varia de pessoa para pessoa. Todavia, a grande maioria recorre a amigos ou fecha-se em si mesmo. Nalguns casos os jovens têm de lidar com os problemas sozinhos, porque não sabem se irão ser novamente discriminados pela(s) pessoa(s) a quem decidem pedir ajuda e o receio obriga-os, por isso, ao isolamento. Esta situação acontece também por estes motivos quando verificamos a ausência de recurso ao apoio da família. O isolamento promove sentimentos complexos, como baixa auto-estima e depressão, que podem dar origem ao abuso de substâncias e à tentativa de suicídio ou suicídio. Estudos académicos por todo o mundo alertam que a população LGBT, durante a adolescência e juventude, tem uma probabilidade de baixa auto-estima, depressão e auto-agressão pelo menos três vezes superior em relação à população jovem em geral, em consequência da discriminação e do preconceito.

De facto, no gráfico "O que sentiu após a agressão", em baixo, encontramos sentimentos graves e muito preocupantes no que respeita ao bem-estar da vítima. Baixa auto-estima, isolamento e agressividade contra terceiros, por exemplo, tornam-se comuns e não promovem, evidentemente, um clima saudável no desenvolvimento psíquico e físico das vítimas. Alguns dos outros sentimentos referidos pelos participantes são tristeza, revolta, raiva, confusão, desespero, não saber o que fazer, depressão, angústia, sufoco, necessidade de fugir, intolerância face a demonstrações públicas de afecto entre heterossexuais, pensamentos suicidas, querer

ocultar a orientação sexual, indignação, desamparo, sentir-se menos pessoa que os outros, vontade de consumir álcool, impotência, frustração, desilusão e desejo de conviver com outras pessoas LGBT.



Comecei a ter medo de ir à escola e as minhas notas baixaram consideravelmente. (16F L Porto)

[Senti-me] completamente discriminada, uma vez que após esse incidente muitos dos colegas deixaram de me falar ou então olhavam-me de lado. (20F L Guarda)

Estava bastante em baixo e cheguei a ter pensamentos suicidas. (15M G Setúbal)

Nunca mais consegui encarar os dois colegas [professores] envolvidos na situação. Senti uma tremenda repulsa por ambos, atendendo a tacanhez das suas mentes... (30F L Lisboa)

Excluída dos grupos; às vezes, auto-exclusão. (25F B porto)

Senti-me sozinho, desamparado, diferente. Senti-me menos pessoa que os outros. (19M G Braga)

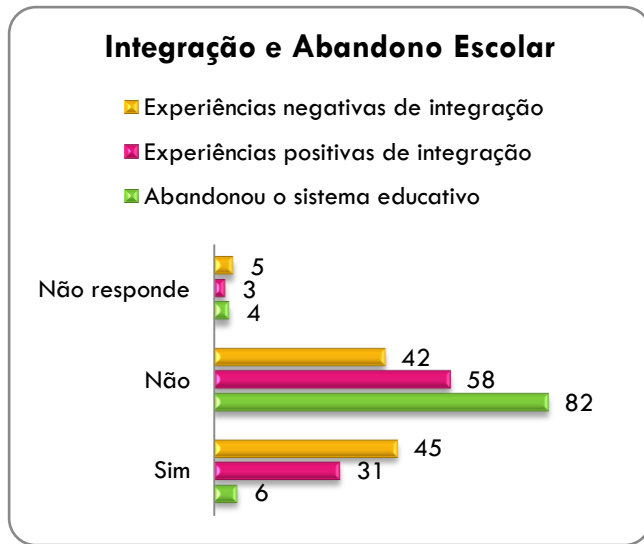
Quando me intimidavam com discriminações verbais sentia-me rebaixado e a minha auto-estima chegava a níveis baixíssimos. Talvez por me sentir tão inferior pensei muitas vezes que o suicídio seria a melhor forma de acabar com a situação. (18M G Santarém)

Um isolamento total...uma nuvem negra sobre mim. É inexplicável a maneira como nos sentimos mal. (19M B Lisboa)

Durante muito tempo senti sociofobia. Agora vivo no Reino Unido, e tudo está resolvido. (20M G Porto)

Foram os PIORES anos da minha Vida. Nunca fui tão infeliz... Senti-me de tal maneira mal, que sinto que só agora, que mudei de escola, e conseqüentemente de vida, é que acordei... Sinto que durante os últimos três anos estive morto, não era ninguém, andava apenas a vaguear por aí... Agora sim, sinto-me confiante e, principalmente, vivo! (15TF H Aveiro)

SISTEMA EDUCATIVO



Os dados apresentados no gráfico "Integração e Abandono Escolar" evidenciam uma adaptação e integração difíceis no ambiente escolar por parte das vítimas. A violência invisível, já referida, não permite um sistema de ensino inclusivo. Existe um ambiente hostil no dia-a-dia de muitos jovens do nosso país que vivem diariamente situações de desconforto directo e/ou indirecto sem que nada possam fazer para evitá-lo. Entre os 92 participantes surgem mesmo 6 que indicam abandono no sistema educativo antes do que desejavam devido à discriminação sofrida. Embora existam testemunhos de experiências positivas, as negativas são muito superiores. Podemos confirmar no gráfico "Experiências Negativas" que são referidas atitudes de repulsa e admoestação, assim como outras experiências de integração negativas, tais como repúdio e segregação.

Não ia/vou estragar a minha vida só porque algumas pessoas não respeitam os seus semelhantes. (19M G Braga)

Sim, em pleno secundário e adolescência não lidei bem com a situação. Hoje, é claro, estou na faculdade 2 anos atrasado. (21M B Lisboa)

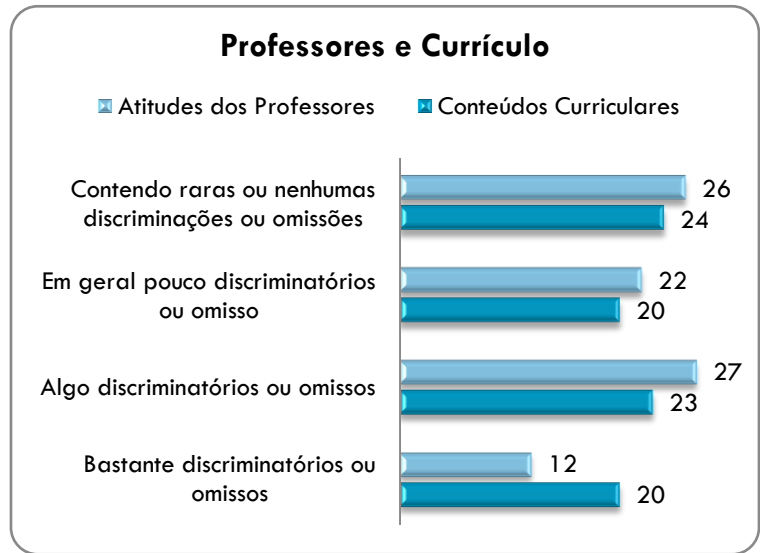
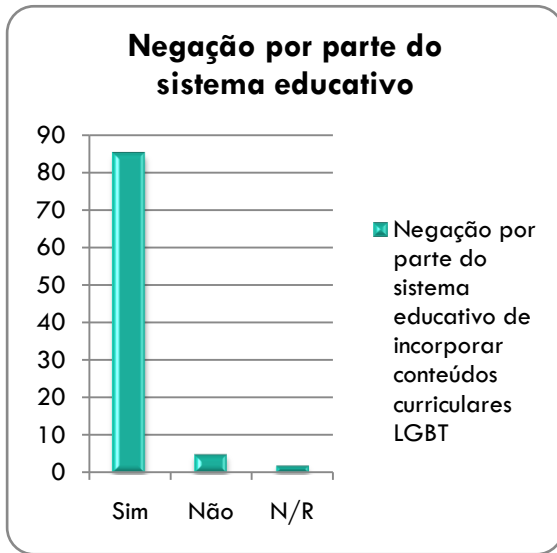
Discriminação, ameaças, chamadas em anonimato, tiravam fotografias, entrevistavam pedindo o B.I.. comentavam quando passavam ao meu lado e com alguém que não me conhecesse, passava logo a saber que eu era o "gajo-gaja" (19TM H Santarém)

Porque apesar das dificuldades a força de vontade para aprender falou mais alto, felizmente no meu caso. (19M G Braga)

Simplesmente mudei de escola! (17M G Lisboa)

Não admito a minha orientação sexual e assim evito comentários. (16F L Beja)

Não me sentia integrado na comunidade escolar, com receio de sofrer represálias se fosse demasiado honesto. Sentia que vivia uma vida dupla. (22M G Coimbra)



No gráfico "Negação por parte do sistema educativo", mais de 80 dos 92 participantes reportam a ideia de negação por parte do sistema de ensino português em incorporar conteúdos curriculares sobre a orientação sexual e a identidade de género. Esta atitude promove e perpetua a existência de uma orientação invisível, uma identidade invisível e, indirectamente, também uma forma de violência muitas vezes ténue e invisível.

O gráfico "Professores e Currículo" mostra-nos que a maioria dos participantes considera que tanto as atitudes dos professores como os conteúdos curriculares são algo, quando não bastante, discriminatórios ou omissos. Na realidade, a omissão e a negação da homossexualidade, bissexualidade e transgenerismo nos programas curriculares promovem a falta de informação sobre estes temas e perpetuam o preconceito e a discriminação. Encontra-se claramente ausente nas leis e nos programas curriculares em Portugal a importância de informação, correcta, objectiva e científica, tanto na área da educação para os direitos humanos e para a cidadania, como para a saúde, sobre orientações sexuais e identidades de género diferentes da maioria, para os jovens em geral, com o objectivo de os formar no respeito ao próximo e a sua diversidade, mas também para a própria juventude LGBT ou com dúvidas.

Por exemplo, a referência da homossexualidade de figuras históricas importantes, dentro do espaço da sala de aula, quando é relevante, mas não só, é algo demasiadas vezes ausente e bloqueia a visibilidade positiva de homossexuais, tanto para aqueles que também são, como para os que não são. A rede ex aequo tem recebido testemunhos de jovens que indicam que há professores que procuram evitar falar destes temas na sala de aula ou que, quando o fazem, reproduzem informações falsas e preconceituosas. Estas atitudes validam moralmente os comportamentos dos agressores, porque estes recebem dos agentes educativos mensagens que a orientação sexual ou a identidade género de pessoas LGBT não é válida ou que o respeito da sua diferença não é algo importante.

Situações como as referidas necessitam de mudar quanto antes. É necessária e urgente uma inclusão de questões directa ou indirectamente ligadas à orientação sexual e identidade de género no nosso sistema de ensino.

Penso que os alunos deveriam ter mais informações sobre o que são as orientações sexuais que existem para poderem compreender que não é nada de outro mundo e que nós não passamos de seres humanos iguais a eles. (18F B Porto)

Para o sistema educativo português não existe esta questão, não sendo sequer tratada ou incorporada no ensino como forma de moderar o preconceito ou a discriminação. (18M B Leiria)

As escolas deviam incluir uma temática de ensino dirigida para a Homossexualidade e Transgnerismo no seu programa educativo/de actividades. O pouco que se tem feito é por iniciativa de algumas escolas em debater estes assuntos em questão ou de alguns professores. (18M G Lisboa)

Alguma vez viram um livro escolar até ao 12º contendo verdadeira informação sobre identidade do género? Nem nunca dei matéria sobre homossexualidade. (19TM H Santarém)

Evita-se uma ou outra passagem nos textos literários que aludam ao assunto, porque julgam que podem ferir susceptibilidades e ferir a moral. (30M H Funchal)

A nível de DST's são fornecidas muito poucas informações relativas a comportamentos de risco entre homossexuais. (16F L Porto)

Está na altura de abrir os olhos para este tema, e infelizmente nas escolas estes assuntos ainda estão muito fechados, e cada vez há mais homossexuais [assumidos] nas escolas! (17M G Lisboa)

Acho uma vergonha que o combate à discriminação sexual não passe também por incluir em conteúdos curriculares informações "anti" preconceitos e mitos. (15M G Setúbal)

Até hoje ainda não vi nada em relação a isso, e a homossexualidade é um assunto tabu que se for falado é apenas para gozo e risadas, raramente se fala a sério. (24M G Évora)

É tema escassamente trabalhado ou talvez mesmo não discutido. Julgo ser considerado por parte de alguns membros educativos temas sensíveis e denota-se pouca segurança e à vontade para se discutir estes temas. (16F B Setúbal)

A educação sexual é crucial tanto para amparar aqueles jovens que no despertar para a idade adulta se sentem diferentes da norma, como para instruir os outros, no sentido de que a população cresça mais tolerante, informada e altruísta. (19M G Braga)

Já tive aulas relativas a educação sexual e nunca foi feito qualquer tipo de abordagem relativamente às diferentes orientações sexuais e identidades de género. (19M G Porto)

Existem ainda muitos tabus, e sobretudo ignorância. Pena o governo não compreender ou não querer compreender que não é ignorando a comunidade LGBT que esta "desaparece". O fundamental é incorporar tanto nas escolas como noutras entidades a informação, pois só com informação e conhecimento as mentes se poderão mudar. (18F L Lisboa)

É ridículo chegarmos a um ponto, no ano 2008, em que os pré-adolescentes dos 12 aos 14-15 anos são levados a acreditar que ser-se homossexual é ser-se contra-natura, errado e que como tal devem ser evitados e/ou postos de parte. Para alguém que está a descobrir a sua sexualidade talvez não seja uma abordagem das mais positivas. (17M G Lisboa)

Digamos que estou a estudar há 13 anos e NUNCA esse assunto foi abordado tanto nas aulas, como em livros escolares. NUNCA falei sobre orientações sexuais (excluindo a heterossexualidade) na escola. (18M G Coimbra)

Penso que se devia abordar mais as questões sobre a orientação sexual dos alunos, porque é nessa altura que começam a ter muitas dúvidas quanto a sua própria orientação sexual, como também, à de colegas ou pessoas conhecidas. Se este assunto fosse mais falado e compreendido por todos, talvez, não houvesse tanta negação. (24F B viseu)

CONCLUSÃO

Através da participação de 92 pessoas que foram alvo de agressão homo/transfóbica ou que a presenciaram podemos resumir as nossas conclusões a três questões fundamentais:

Primeiro, após analisar detalhadamente cada denúncia realizada, continuamos a acreditar ser urgente criar medidas de protecção contra a homofobia e a transfobia em ambiente escolar. Ao longo do presente estudo confirmámos que a discriminação com base na orientação sexual e identidade de género está presente nas nossas escolas. A homofobia e a transfobia baseiam-se, frequentemente, em informações com falta de rigor científico e objectividade e são fruto da omissão e da inexistência de debate correcto e positivo sobre estes temas. Estas deficiências fomentam e validam, directa ou indirectamente, comportamentos e atitudes, mais ou menos violentos a vários níveis.

Segundo, as agressões no espaço escolar contribuem seriamente para situações de baixa auto-estima, isolamento, depressões e ideação e tentativas de suicídio, assim como para o insucesso e abandono escolar de muitos jovens LGBT. Os índices largamente superiores demonstrados pela juventude LGBT, consequentes da discriminação, apresentados em estudos feitos por todo o mundo, não podem ser ignorados e demonstram as consequências da ausência de uma educação para o respeito e para a promoção da dignidade das pessoas LGBT nos currículos, nas salas de aula, no espaço escolar, em geral. Ao ignorar estes problemas estamos a pôr também em questão a promoção de uma cidadania plena para todos.

Terceiro, urge a necessidade de formar e informar correctamente professores, alunos e auxiliares de educação. A rede ex aequo, através do seu Projecto Educação LGBT, tem disponíveis materiais, tais como brochuras informativas e educativas, direccionadas a alunos e professores, para a promoção de uma educação para a cidadania e para os direitos humanos nestas temáticas, assim como uma equipa preparada para fazer sessões com alunos, pais, professores e funcionários da escola. Porém, esta preocupação não pode ser só de um grupo de pessoas, mas de todos os agentes educativos e deve, consequentemente, ser espelhada nas políticas educativas, na formação de professores e nos planos curriculares.

Neste relatório do Observatório de Educação tivemos sempre presente que os dados apresentados não são representativos, embora 92 queixas apresentadas já possam ser consideradas uma amostra da realidade das nossas escolas de Norte a Sul do país. É fácil reconhecer que a discriminação existe e os diversos casos denunciados devem ser levados em consideração, todos eles sem excepção. Por esse mesmo motivo optámos por tratar os resultados de forma qualitativa para realçar os aspectos que considerámos mais alarmantes nas denúncias realizadas.

Cada queixa/denúncia reflecte vivências intra/interpessoais reais do dia-a-dia. Essas situações ocorreram e continuarão a ocorrer se nada se fizer em contrário. Deixamos em aberto este estudo com a esperança que no próximo relatório do Observatório de Educação nos seja possível recolher um número ainda maior de denúncias que nos permita tirar ilações não só qualitativas, mas também quantitativas do que se passa nos espaços educativos em Portugal.

GLOSSÁRIO

Bissexual Pessoa que se sente emocional e sexualmente atraída por pessoas de ambos os sexos

Gay Homem que se sente emocional e sexualmente atraído por pessoas do mesmo sexo

Heterossexual Pessoa que se sente emocional e sexualmente atraída por pessoas de outro sexo

Homofobia A homofobia caracteriza o medo e o resultante desprezo pelos homossexuais que alguns indivíduos sentem. Para muitas pessoas é fruto do medo de elas próprias serem homossexuais ou de que os outros pensem que o são. O termo é usado para descrever uma repulsa face às relações afectivas e sexuais entre pessoas do mesmo sexo, um ódio generalizado aos homossexuais e todos os aspectos do preconceito heterossexista e da discriminação anti-homossexual

Homossexual Pessoa que se sente emocional e sexualmente atraída por pessoas do mesmo sexo

Identidade de Género Refere-se ao género com que a pessoa se identifica (como homem, mulher ou outra categoria, por exemplo), mas pode também ser usado para referir-se ao género que certa pessoa atribui aos indivíduos tendo como base papéis sociais de género (roupa, corte de cabelo, maneirismos, etc.)

Lésbica Mulher que se sente emocional e sexualmente atraída por pessoas do mesmo sexo

LGBT Sigla usada para designar Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgéneros

Orientação Sexual Indica qual o sexo que uma pessoa se sente preferencialmente atraída fisicamente e emocionalmente

Transfobia Semelhante à homofobia (ver definição), mas dirigida a pessoas com identidade de género distinta daquela esperada a partir do seu sexo biológico

Transgénero Alguém que não corresponde às categorias tradicionais dos géneros e que não se comporta como se espera convencionalmente perante o sexo biológico com que nasceu

Transexual Designa pessoas que sentem que o seu corpo não corresponde à sua identidade de género; transexual masculino refere-se às pessoas que sentem ter identidade de género masculina, mas nasceram com corpo feminino e transexual feminina refere-se às pessoas que sentem ter identidade de género feminina, mas que nasceram com corpo masculino

ANEXO

Observatório de Educação

Questionário



O objectivo deste questionário é efectuar um levantamento das situações de discriminação em função da orientação sexual ou identidade de género vividas por alunos, professores e outros funcionários em contexto escolar.

Pretende-se apresentar os dados obtidos junto de autoridades portuguesas e outros organismos que venham a solicitá-los de modo a retratar a presente situação da população juvenil lésbica, gay, bissexual e transgénera (LGBT) em Portugal.

O sucesso deste estudo advirá directamente da veracidade da informação fornecida.

1. Dados Pessoais

Idade	
Sexo/Identidade de Género	
Orientação Sexual	
Distrito	
Função/Parentesco	Aluno <input type="checkbox"/> Ano Escolar: Professor <input type="checkbox"/> Nível de Ensino: Psicólogo <input type="checkbox"/> Funcionário <input type="checkbox"/> Outro: Familiar <input type="checkbox"/> Amigo <input type="checkbox"/> Conhecido <input type="checkbox"/> Desconhecido <input type="checkbox"/>

2. Já foi vítima de alguma situação de discriminação por causa da sua orientação sexual?

Não <input type="checkbox"/>	
Sim <input type="checkbox"/>	Se sim, indique o tipo: Violência verbal <input type="checkbox"/> Violência física <input type="checkbox"/> Violência psicológica <input type="checkbox"/> Outro tipo <input type="checkbox"/> Qual?

3. Já foi vítima de alguma situação de discriminação por causa da sua identidade de género?

Não <input type="checkbox"/>	
------------------------------	--

Sim <input type="checkbox"/>	Se sim, indique o tipo: Violência verbal <input type="checkbox"/> Violência física <input type="checkbox"/> Violência psicológica <input type="checkbox"/> Outro tipo <input type="checkbox"/> Qual?
------------------------------	--

4. Já presenciou alguma situação de discriminação com base na orientação sexual?

Não <input type="checkbox"/>	
Sim <input type="checkbox"/>	Se sim, indique o tipo: Violência verbal <input type="checkbox"/> Violência física <input type="checkbox"/> Violência psicológica <input type="checkbox"/> Outro tipo <input type="checkbox"/> Qual?

5. Já presenciou alguma situação de discriminação com base na identidade de gênero?

Não <input type="checkbox"/>	
Sim <input type="checkbox"/>	Se sim, indique o tipo: Violência verbal <input type="checkbox"/> Violência física <input type="checkbox"/> Violência psicológica <input type="checkbox"/> Outro tipo <input type="checkbox"/> Qual?

Se a sua resposta foi **Não** nas questões 2 a 5, passe para a questão nº 9.

6. Descrição pormenorizada desta(s) situação/situações:

Quantas vezes aconteceu?	Uma única vez <input type="checkbox"/> De 2 a 4 vezes <input type="checkbox"/> Mais de 5 vezes <input type="checkbox"/>
Onde aconteceu?	Escola <input type="checkbox"/> Casa <input type="checkbox"/> Rua <input type="checkbox"/> Trabalho <input type="checkbox"/> Outro local público <input type="checkbox"/> Qual?
Quando aconteceu?	Há menos de 6 meses <input type="checkbox"/> Entre 6 meses e 1 ano <input type="checkbox"/>

	Há mais de um ano <input type="checkbox"/> Quando?
Quem foram os intervenientes?	Pares (colegas, alunos) <input type="checkbox"/> Professor(es) <input type="checkbox"/> Funcionário(s) <input type="checkbox"/> Familiar(es) <input type="checkbox"/> Desconhecido(s) <input type="checkbox"/> Outro(s) <input type="checkbox"/> Quem?
Utilize este espaço para fornecer mais informações que considere relevantes sobre o(s) caso(s) referido(s):	

7. Foi apresentado algum tipo de protesto/queixa de forma pública?

Sim <input type="checkbox"/>	Onde? Indique por favor as reacções e resultados obtidos:
Não <input type="checkbox"/>	Porquê? Como lidou com a situação? Falando com amigos <input type="checkbox"/> Recorrendo a ajuda clínica <input type="checkbox"/> Sozinho(a) <input type="checkbox"/> Outra <input type="checkbox"/> Qual?

8. O que sentiu após este acto de violência?

Agressividade para com terceiros <input type="checkbox"/> Auto-mutilação <input type="checkbox"/> Baixa auto-estima <input type="checkbox"/> Isolamento <input type="checkbox"/> Tentativa de suicídio <input type="checkbox"/> Outro <input type="checkbox"/> Qual?
Utilize este espaço para fornecer mais informações que considere relevantes sobre o

modo como se sentiu:

9. Abandonou o sistema educativo antes do que gostaria devido à sua orientação sexual ou identidade de género?

Sim
Não

Porquê?

10. Considera ou considerou os seus conteúdos curriculares e professores declaradamente discriminatórios ou omissos no que se refere às formas de sexualidade não heterossexuais e identidades de género não convencionais?

Preencha utilizando a seguinte escala de 1 a 4: 1 – Bastante discriminatórios ou omissos; 2 – Algo discriminatórios ou omissos; 3 – Em geral pouco discriminatórios e pouco omissos; 4 – Contendo raras ou nenhuma discriminações/omissões.		1	2	3	4
	Conteúdos curriculares	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Atitudes dos Professores	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

11. Acha que existe negação por parte do sistema educativo português em incorporar conteúdos curriculares sobre orientações sexuais que não a heterossexual ou questões de identidade de género não convencional?

Sim
Não

Utilize este espaço para fornecer mais informações que considere relevantes sobre a sua opinião neste assunto:

12. Viveu experiências positivas de integração em ambiente escolar de conteúdos sobre temática LGBT?

Sim
 Não

Utilize este espaço para fornecer mais informações que considere relevantes sobre a sua opinião neste assunto:

13. Viveu experiências negativas de integração em ambiente escolar de conteúdos sobre temática LGBT?

Não

Sim

Se sim, indique o tipo:

Repulsa
 Expulsão
 Admoestação
 Deturpação
 Omissão
 Outra(s) Qual?

14. Comentários Adicionais

Notas

Após preenchido, basta guardar e enviar em anexo por email para [rede@ex-aequo.web.pt](mailto:redexaequo@web.pt) ou imprimir e enviar para rede ex aequo, Rua S. Lázaro 88, 1150-333 Lisboa.

Se quiser colaborar com a rede ex aequo no sentido de averiguação e/ou apresentação de queixa formal da(s) situação/situações descritas no formulário, quando o enviar, por favor indique o seu nome e contacto.

Data